



O romancista José Cardoso Pires e o ensaísta Alçada Baptista

Um retrato da sociedade do medo

A partir da radiografia de um crime, cometido em 1960, o escritor português José Cardoso Pires descreveu em "Balada da Praia dos Cães" os impasses e perigos de uma sociedade do terror, para a qual o homem não conta. O livro, lançado em Portugal em novembro passado, além de responsável por grande polêmica nos órgãos da imprensa, já vendeu 43 mil exemplares, transformando-se num *best-seller* e até mesmo interessando produtores de cinema. Um roteiro está sendo preparado para uma produção franco-portuguesa, que terá a direção do cineasta José Fonseca e Costa. "Foi um caso único — reconhece o próprio autor — e que talvez supere em número de edições (o livro já está na oitava) 'Tragédia da Rua das Flores', um inédito de Eça de Queiroz que só chegou ao público há uns quatro anos." e "Balada da Praia dos Cães", em edição da Civilização Brasileira, bem como "Memorial do Convento" (Editora Difel), de José Saramago, e "A Imprensa de Língua Portuguesa no Mundo" (Editora Seven Comunicações), de João Alves das Neves, serão autografados hoje, a partir das 16 horas, no Centro Cultural São Paulo (Estação Vergueiro do Metrô), como parte da programação do Encontro com Escritores Portugueses.

Cardoso Pires partiu de um crime que abalou a opinião pública portuguesa nos últimos anos da ditadura de Salazar. Dois presos políticos, o major Dantas e o arquiteto

Fontenova, conseguem fugir da cadeia militar onde aguardavam julgamento por conspiração revolucionária, com o apoio da ex-estudante universitária Mena e de um jovem cabo que prestava serviços no presídio. Dantas acreditava poder rearticular seu grupo com o movimento revolucionário. Mas acabaram todos ilhados num chalé nos arredores de Lisboa. Eram, afinal, guerrilheiros que se inventavam para libertar um país inventado. Na ânsia de evitar o desespero e a desmoralização do grupo, o major fantasiava contatos, planos de ação. Ao perceber o descrédito à sua volta, impôs o terror e, em resposta, foi liquidado pelo cabo e pelo arquiteto. "Aquele Portugal nunca existiu", desabafa Cardoso Pires. "Eu estive lá, vi. Ninguém sabia onde estava a verdade, a mentira."

Atuando num terreno mais reflexivo que real ou ficcional, o autor de "Delfim" — um livro que terá o lançamento de sua segunda edição em breve no Brasil, também pela Civilização Brasileira — explica que em "Balada da Praia dos Cães" procurou retratar a sociedade do medo: "O país todo cometeu aquele crime. Matou por medo. Nunca pretendi relatar a história verdadeira. Meu personagem principal é um investigador de polícia, uma criação ficcional". Com esse trabalho, o escritor conquistou o Grande Prêmio do Romance da Associação Portuguesa de Escritores e da Fundação Gulbenkian, depois de já ter recebido o "Prêmio

Camilo Castelo Branco" por "O Hóspede de Job".

À procura da liberdade

Enquanto presidente do Instituto Português do Livro, Alçada Baptista garante que o órgão que dirige procura não intervir em apoios diretos à produção literária, mas antes repor o patrimônio literário clássico e criar condições gerais à difusão do livro e do autor, principalmente no campo da informática. "A literatura contemporânea tende a se expressar num campo onde o instituto não tem nenhuma interferência." De qualquer forma, enquanto ensaísta e cronista, o autor, que também integra o Encontro com Escritores Portugueses, afirma que uma "literatura não tem obrigação de produzir constantemente obras-primas. Hoje, tanto na poesia quanto na prosa, vamos tendo aquelas obras que asseguram a produção artística de uma época, as que ficarão. Destas, só o futuro dirá."

Com o seu trabalho reunido em dois livros — "Peregrinação I" e "Peregrinação II" —, Alçada Baptista diz viver num sistema com muita liberdade e viver sua marginalidade com muita disciplina. "Justamente o título geral das minhas crônicas é 'O Tempo nas Palavras'. Procuo através delas exprimir o estofado e o clima do meu tempo. Minha vida tem sido isso: um pé no sistema e outro que procura um espaço de liberdade, talvez na esperança de que para aí possa levar os dois pés, algum dia."

Autógrafos, visita à academia

José Cardoso Pires e José Saramago, que hoje lançam seus livros no Centro Cultural São Paulo, às 16 horas, estiveram ontem, como também os demais escritores portugueses que visitam o Brasil, na Academia Paulista de Letras. E foram saudados pela escritora Lygia Fagundes Telles: "Gostaria de lhes oferecer sol e manchetes menos sombrias. Mas essa é, enfim, a condição do escritor brasileiro". Quase em resposta, após o pronunciamento de Lygia, o poeta português Egito Gonçalves, em nome de seu grupo, observou: "Se

os escritores brasileiros forem a Portugal, não encontrarão manchetes menos sombrias nos jornais. Talvez esteja justamente aí a importância de os escritores se irmanarem: para que no futuro haja menos manchetes sombrias." Amanhã, às 9h30, os 11 autores de Portugal se dirigem a São Vicente, onde, depois de um encontro com estudantes e professores da faculdade de letras local, terão o resto do dia livre para conhecer o que hoje é o que foi a capitania doada por D. João III a Martim Afonso, nos idos da colonização.



Livros em tarde de autógrafos